

Odeio, então, existo! Fanatismo, uma linguagem (possível?) ao narcisismo de morte

Carlos Augusto Ferrari Filho,¹ Porto Alegre

Os fantasmas da intolerância e do radicalismo uma vez mais voltam a assombrar. A partir de uma tentativa de compreensão do fanatismo dentro de uma abordagem psicanalítica, examina-se o papel do ódio nas relações de objeto entre indivíduos e, portanto, também na cultura como elemento modulador dessa guinada em direção à intolerância nos anos 2000. Utilizam-se como elemento clínico algumas ideias do escritor israelense Amós Oz extraídas de sua obra Sobre la naturaleza del fanatismo (2011). À luz da metapsicologia estudam-se os seguintes fatores: a) narcisismo; b) masoquismo primário e sadismo; c) relações entre o Ego e um Superego cruel, com ênfase na possível influência desses três fatores na gênese do pensamento fanático. Examina-se também o potencial sublimatório da empatia em relação ao suposto inimigo como elemento capaz de relativizar o fanatismo, por exemplo, quando se faz uso do humor.

Palavras-chave: fanatismo, ódio, narcisismo, narcisismo de morte.

¹ Psiquiatra, psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

“*O sadismo mata o outro, mas o masoquismo mata ao sujeito*”.

(Green, 2014, p. 65)

Introdução

Os fantasmas da intolerância e do radicalismo uma vez mais voltam a assombrar. Em um contexto geopolítico infestado pelo nacionalismo exacerbado, no qual os que pensam diferente são vistos como o inimigo a ser destruído, nos sentimos perigosamente mais próximos de cenários beligerantes que, em tempos não tão remotos, conduziram nações à guerra. Perde força a onda humanista da segunda metade do século XX, que, entre outros aspectos, valorizava o livre pensar. A partir de uma tentativa de compreensão do fanatismo dentro de uma perspectiva psicanalítica, examina-se a força do ódio nas relações de objeto e, portanto, na cultura, como elemento modulador dessa guinada em direção à intolerância. O escritor israelense e ativista Amós Oz defende uma saída negociada para o conflito Israel – Palestina, na qual ambos aceitem como legítima a demanda do opositor. Em seu ensaio *Sobre la naturaleza del fanatismo* (2011), defende a universalidade de um “gene fanático que todos nós levamos dentro”² (Oz, 2011, p. 41), fenômeno que, quando exacerbado, pode ser considerado como um dos responsáveis pela nova onda de radicalização pós anos 2000. Neste trabalho, que propõe uma leitura das ideias de Amós Oz à luz da metapsicologia, examina-se o possível papel, na gênese do fanatismo, dos seguintes elementos: a) o narcisismo, em particular o conflito entre narcisismo de vida e de morte; b) o masoquismo primário e o sadismo, enquanto movimentos da pulsão que são determinantes da estruturação do sujeito e sobrevivência do *self*; e c) a relação de dominação entre o Superego e o Ego. Examina-se também, brevemente, uma possível saída sublimatória para o fanatismo catalisada pela relativização desse controle sádico exercido pelo Superego através do uso do humor.

O fanatismo segundo Amós Oz

Em essência, a batalha entre judeus e árabes palestinos não é uma guerra religiosa. Ainda que fanáticos de ambos os lados façam o impossível para

² São aqui apresentadas traduções livres do texto original em espanhol.

convertê-la em guerra religiosa. Fundamentalmente não é mais que um conflito territorial sobre a dolorosa questão: ‘De quem é a terra?’ [Trata-se de um conflito] entre duas reivindicações muito convincentes, muito poderosas a respeito de um único e pequeno país. (Oz, 2011, p. 31)

Uma boa parte da população dos povos envolvidos na disputa entre Israel e Palestina entende que a criação de dois estados nesse restrito e intensamente disputado território seria a melhor saída para esse longo conflito.³ Apesar disso não se visualiza no horizonte político a possibilidade de uma paz negociada para essa região enquanto, em ambos os lados, permanecerem no poder lideranças ultranacionalistas.

Segundo Amós Oz (2011), são características do fanático, primeiro, a forte crença de que a sua visão das coisas é indiscutivelmente a melhor e, segundo, a determinação de convencer os demais, na verdade, impor suas ideias, mesmo que seja necessário o uso da força e, em caso extremo, a aniquilação de quem pensa diferente. Ele entende que “há algo na natureza do fanático que é essencialmente sentimental e ao mesmo tempo carente de imaginação” (p. 24). É a força de sua fé inabalável, que inunda discurso e prática do fanático com um sentimentalismo exagerado, que atua no sentido da anulação do outro através da tentativa da restrição de sua capacidade de pensar. Esse ataque à diversidade de pensamento gera um empobrecimento intelectual. Esse nivelar por baixo, por sua vez, esvazia, por retroalimentação, a criatividade no sujeito social, em algo que seria expressão de uma suposta lei do *quanto menos criativo melhor*.

Do ponto de vista econômico, poder-se-ia especular, não seria esse ciclo auto-limitante, uma consequência da ação deletéria da pulsão de morte? Expressão de uma destrutividade, que, em prol da sobrevivência psíquica, precisaria ser deslocada para fora do sujeito?

O autor diz também, em tom irônico, que o “fanático é um grande altruísta” (*Ibid.*, p. 28), já que, em geral, está mais interessado nos demais do que em si mesmo, pois quer redimir, salvar o outro, nem que para isso seja necessário, *in extremis*, exterminar o pecador. “O fanático está mais interessado no outro do que em si mesmo, pela simples razão de que tem um si mesmo bastante exíguo, ou em absoluto nenhum si mesmo” (p. 28). Esse pseudo altruísmo, amor objetal incapaz de

³ Pesquisa de opinião recente feita pela Universidade de Tel Aviv, conjuntamente com o Centro de Investigação Política de Ramala, diz que 55% dos israelenses e 44% dos palestinos entendem que a criação de dois estados seria a melhor saída para o longo conflito entre Israel e a Palestina. Artigo de Juan Carlos Sanz, El País, Espanha, disponível em http://internacional.elpais.com/internacional/2017/02/17/actualidad/1487357831_115647.html Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

sustentar-se, seria decorrência do amor narcísico marcado pelos desinvestimentos da pulsão de morte. Economicamente, dir-se-ia que o falso altruísmo do fanático, um amor-ódio ambivalente, reedita primitivas vivências demarcadas pelas vicissitudes do sadismo-masiquismo dentro do narcisismo de morte.

Existe saída para esse imbróglio, gerado pelo pensamento fanático tanto nos indivíduos como na cultura? Ele acredita que “a imaginação talvez possa imunizar parcial e limitadamente contra o fanatismo” (p. 32), referindo-se à possibilidade de escapar às armadilhas do pensamento único, ou a da convicção de que se está no lado certo em uma suposta guerra pela verdade. É a possibilidade do exercício da empatia em relação às ideias do outro, notadamente quando estas causam antipatia, assim como a adoção de certa autocrítica em relação às próprias convicções que constituiriam alternativas ao pensamento fanático. Esses elementos, segundo Oz, costumam as condições para a construção “da capacidade do humor [e] é um grande remédio” (p. 34). Ele lembra:

A habilidade de rir de nós mesmos é uma cura parcial, a habilidade de nos vermos como os outros nos vêm é outro remédio. A habilidade de existir em situações com final aberto, inclusive aprender a desfrutar de tais situações, de aprender a gozar com a diversidade, também pode ajudar. (*Ibid.*, p. 34).

Imaginar vidas diferentes, ou caminhos diversos para si mesmo, nos quais o sujeito pode empaticamente colocar-se no lugar do inimigo, teria o condão de transformar, elaboradamente, relações de objeto? Em outras palavras, seria o bom humor uma via sublimatória para o ódio?

Ainda quando se refere a como lidar com o fanatismo, parafraseando John Donne,⁴ Oz acrescenta que “nenhum homem é uma ilha, mas cada um de nós é uma península, com metade unida à terra firme e outra olhando o oceano” (p. 39). Referindo-se à natureza das relações de objeto características do fenômeno do fanatismo, acrescenta:

[Homens em conflito,] essas duas penínsulas deveriam estar relacionadas, e, por outro lado, deixadas livres [...] imaginar o outro, reconhecer a península que há em cada um de nós, pode constituir ao menos uma defesa parcial contra o gene fanático que todos levamos dentro (*Ibid.*, p. 41).

É possível sentir empatia com o inimigo? E o que fazer para relativizar

⁴ John Donne ficou famoso por sua poesia metafísica no século XVII. Aqui Oz refere-se, transformando-a, a uma frase desse poeta: “Nenhum homem é uma ilha”.

nossos preconceitos? Como respeitar uma posição contrária, mesmo que legítima, quando esta se choca, ou compete com os nossos interesses? Como dividir espaços, quando há o desejo narcísico no sujeito, natural, na medida em que evoca um tempo de domínio do princípio do prazer, de querer tudo só para si? Ao falar de um *gene fanático que todos levamos dentro*, Oz descreve, à sua maneira, toda uma fenomenologia decorrente daquilo que pensadores psicanalíticos descreveram e nomearam, por exemplo, como os efeitos da parte psicótica da personalidade (Bion, 1957), ou de uma organização narcisista (Rosenfeld, 1988), ou de uma organização patológica da personalidade (Steiner, 1989), entre outros. Cabe lembrar, no entanto, que, quando Freud ocupou-se, em seus trabalhos pioneiros, dos destinos da pulsão e das relações primitivas de objeto, em particular do interjogo entre sadismo e masoquismo na estruturação do sujeito, já neles estavam postos alguns elementos que nos permitem pensar quanto à gênese do fanatismo. É de algumas ideias de Freud e Green (2010, 2014), quando esse fala sobre o narcisismo, que vamos tratar a seguir.

Narcisismo: rudimentos do pensamento fanático

O ódio permeia as relações matizadas pelo fanatismo. Ódio ao outro, aos direitos do outro e, em especial, ao direito deste de pensar diferente. Se fôssemos colocar em palavras a intenção fanática, dir-se-ia: Não tens o direito de existir e muito menos o direito de dizer o que pensas, pois odeio perceber que pensas diferente. É o meu ódio que me legitima, quando ajo para eliminar-te. A tua morte me faz bem, porque reafirma a minha posição no mundo. Aniquilando-te, garanto a minha sobrevivência, ou a sobrevivência da minha fé, a fé na minha convicção, que, para mim, é a expressão da verdade absoluta.

Recordar o atentado suicida, uma das expressões mais radicais do fanatismo, a partir da perspectiva do sujeito que se mata em nome de uma suposta causa maior, nos conduz a pensar sobre os destinos da pulsão e, em particular, sobre o narcisismo. Deixando de lado um complexo conjunto de variáveis que inclui razões socioeconômicas, geopolíticas e, principalmente, aspectos da feroz luta pelo poder, para nos focarmos em uma reflexão psicanaliticamente orientada, fazendo, ainda, a ressalva de que a responsabilidade maior deve ser imputada à mente fanática, que, à distância e friamente, decide onde e como acontecerá o próximo ataque, não nos caberia falar desse ato como desesperado esforço pela descarga para fora de um instinto de morte desenfreado que teria como objetivo uma imaginada sobrevivência do *self*? E, ato contínuo, pensarmos que, através da perpetuação

dos efeitos terríveis daquele gesto, esse derradeiro movimento pudesse expressar o desejo de se redimir de uma existência insuportável?

Evidentemente que estamos aqui nos referindo à dimensão delirante da alucinação negativa, seguida da gratificação alucinatória do desejo, em que se abriga a fantasia onipotente de que esse sacrifício garantiria, ativamente, a passagem ao paraíso. Seria a redenção, no último instante, a purificar uma existência de sofrimento suportada passivamente.

Na tentativa de compreensão do pensamento fanático como conflito entre narcisismo de vida e narcisismo de morte, pode-se pensar na desinvestidura narcísica como possível destino alternativo à destrutividade potencial da pulsão de morte. Segundo afirma Green (2014, p. 58), “O narcisismo aparece como o núcleo mais medular das pulsões de vida, como o eixo portador de todo o futuro do eu [sendo] o único, nessa época, que pode exercer uma resistência organizada contra as pulsões de morte”.

Por que a realidade externa se torna, nesses casos da mente fanática, intolerável? Não seria exatamente por ter que admitir a presença do outro? De um objeto que pensa, que tem ideias próprias e, no qual, portanto, é a diversidade que se constitui como ameaça mortal? Dir-se-ia uma realidade na qual os direitos e a voz do outro ferem de morte, a ponto de causarem a imperiosa necessidade de explodi-la? Aquilo que se produz no polo motor, bombas que explodem tudo em mil pedaços fazem lembrar algo como a descarga maciça da pulsão de morte. Dir-se-ia uma deflexão daquela certa quantidade de pulsão de morte – masoquismo primário – que “não compartilha [da] transposição para fora [do sujeito e] permanece dentro do organismo [...] libidinalmente presa.” (Freud, 1924, p. 204). Esse ritual suicida, organizado em torno a uma fantasia onipotente de ressurreição, funcionaria também como derradeira tentativa de, em se destruindo as restrições impostas pelo mundo externo, garantir algo que seria semelhante a uma imortalidade delirante.

Segundo Freud, é a necessidade de lidar com a força da pulsão que coloca em movimento, através de investidas (pulsão de vida) e desinvestidas (pulsão de morte), a possibilidade de discriminação de um sujeito e, progressivamente, de um outro, o objeto, em uma sucessão de movimentos que ativa o nascimento do psíquico. É a partir dos trabalhos de 1920 (Freud, 1920a; 1920b), quando ele acrescenta à teoria da libido o conceito de uma dualidade pulsional entre forças de vida e de morte, que o autor apresenta uma descrição mais abrangente da destrutividade, fortemente voltada à noção da compulsão à repetição e à autoagressão.

Sublinhando, Freud se refere a um oscilante interjogo econômico entre investir e desinvestir, no qual o que importa, prioritariamente, é a estruturação do

sujeito e, a seguir, o reconhecimento do objeto. Em uma tentativa de simplificação, poder-se-ia dizer que, em nome da sobrevivência do *self*, é a investidura do Eu pela pulsão de vida, o narcisismo de vida, o movimento de abertura que avaliza o começo da existência psíquica, já que esse é o fato que se contrapõe à força da pulsão de morte, que opera no sentido da não-vida, ou seja, de um hipotético desinvestimento absoluto.

Green (2014, p. 53), em seu conceito de “andaime do narcisismo”⁵, que descreve tanto a força estruturante quanto o aspecto frágil do “todo poderoso e vulnerável narcisismo” (p. 60), diz que, para assegurar a sobrevivência da pulsão de vida, “a resistência se organiza em torno a esse corpo [narcísico autoerótico] em luta contra as pulsões de morte ameaçadoras” (p. 59). Assim, é o narcisismo

refúgio onde se instala a vida [através de algo que funciona] como prodigioso biombo que, ao se organizar, parece não ter falhas, [e, no entanto, quando] a estrutura psíquica chega a fissurar-se, [este] se reduz a nada mais do que fachada, uma aparência que deixa transluzir sua fragilidade (*Ibid.*, p. 60).

Aqui o autor ressalta que, frente à falta, ou restrição, do amor objetal, a investidura narcísica, abrigo provisório para a libido, representa uma instância de vida que freia, ou, na pior das hipóteses, atenua as forças de não-vida, denotando a proteção e, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade desse arranjo. Dentro dessa perspectiva, não expressaria o grito-ataque fanático um esforço derradeiro (fadado ao fracasso) desse andaime narcísico? Espécie de última viagem (sem volta), na qual aniquilar o inimigo estaria a serviço do repúdio à insuportável presença do objeto diferenciado?

Ódio e narcisismo de morte na construção da mente fanática

“O ódio, enquanto relação com objetos é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcísico ao mundo externo”
(Freud, 1915, p. 161, grifo meu).

Por que o ódio é companhia inseparável do fanatismo? Talvez, nessa situação, a intensidade desse sentimento, tão ativo, aparentemente contra tudo e contra todos, seja expressão do grau de um desamparo tantas vezes experimentado passivamente

⁵ Tradução livre do autor.

na infância primitiva. Representaria algo como o retorno do registro das vivências do não acolhimento e do desencontro. Mas não quaisquer desencontros. Estar-se-ia falando de frustrações repetidas frente à urgência da necessidade de atendimento, ou seja, do lento, mas inexorável apagamento das investidas da pulsão de vida. Assim sendo, é esse ódio que nos remete a pensar no traumático, nas relações primitivas de objeto como elemento significativo na gênese da mente fanática. Em particular, nas vicissitudes do desinvestimento da pulsão de morte, movimento capaz de apagar a força de investida da pulsão de vida, que, ao cobrir com desesperança aqueles momentos de vivo desejo direcionados a um não-Eu, faz com que, inapelavelmente, essa imagem do outro dentro do sujeito vá se revestindo como objeto cruel, na medida em que este, repetidamente, desaponta.

Consideram-se aqui as possibilidades do traumático como expressão, primeiro, na situação do excesso – o invasivo objeto perverso violador do *self* – e, segundo, nos casos de perda, ou da falta, quando o que dói é a dor do desinvestimento forçado, após a retirada de um objeto libidinalmente investido, até então disponível. Se, após o traumático, a vida cronologicamente continua, ainda assim é necessário, em termos do *self*, lidar com zonas de experiências não elaboradas e, muitas vezes, não elaboráveis. Aqui, a tendência seria a busca, através da compulsão à repetição, de relações de objeto nas quais se cristalizem, inclusive no transgeracional, saídas passivo-agressivas para aquele interjogo sadomasoquista sofrido passivamente.

Se o narcisismo se configura como de morte, ou, se, ao avançar-se em direção à triangularidade edípica, na estruturação do Superego, no caso em que os objetos parentais introjetados já cheguem também carregados com vivências marcadas pelo desinvestimento, algo que se configuraria como uma sucessão de vidas demarcadas pelo narcisismo de morte, então, fica difícil, para não dizer impossível, que um narcisismo de vida se estabeleça pelo menos de forma a criar raízes profundas no sujeito. No primeiro caso se está falando das implicações do predomínio de um narcisismo de morte na ontogênese, enquanto que, na situação seguinte, se deveria considerar os efeitos do narcisismo de morte como elemento que, ao se introduzir no sujeito por via identificatória–Superego, se constituiria em algo como traços transgeracionais, em um fenômeno que tenderia a se perpetuar no filogenético.

Claro está que a ocorrência de uma situação não exclui a presença da outra. O provável é que, em um fenômeno tão complexo, multideterminado e recorrente como o fanatismo, essas fenomenologias de um narcisismo de morte onto e filogenético aconteçam de maneira superposta e complementar. O que viria antes, a desestruturante fragilização primária do *self* pelo excesso de vivências marcadas com a força do desligamento, ou o viés traumático estaria deslocado no sentido

do sadismo secundário, consequência da carga tóxica gerada pela identificação e introjeção de objetos via estruturação do Superego?

Em ambos, o problema para o sujeito é ter que lidar com um excesso de forças de não-vida, quando o desafio é, primeiro, a sobrevivência do *selfe*, segundo, o nascimento da noção interna do objeto, ou seja, quando a demanda inadiável dá-se no sentido do viver psíquico.

Por óbvio, as forças de vida predominam, mas, no caso da mente fanática, como tolerar a diversidade no seio da família, nos grupos, enfim na cultura, quando não está efetivamente constituída no interno, no espaço do vínculo, a tolerância ao outro? Como esperar algo de bom, no sentido de se ter esperança, quando as relações de objeto primitivas, carregadas com a desesperança da não-vida, se tornam um imperativo? Se a capacidade de pensar criativamente está como que sequestrada pela desinvestidura do narcisismo de morte, que vida resta ao sujeito? Uma vida à beira da morte, talvez, e, se possível, com um fim que carregue junto, para a morte, objetos sentidos como intrinsecamente malvados.

(Des-) impedimento à libido objetal

A descrição do desenvolvimento inicial do Ego feita por Freud em 1915 (*Instintos e suas vicissitudes*) e, portanto, ainda dentro da primeira tópica, refere-se à capacidade de que, através de uma incipiente estruturação psíquica, se desenvolva ativamente não só a distinção entre o interno e o externo como, também, a possibilidade de processar, via identificação e projeção, as primitivas experiências de prazer-desprazer:

O ego da realidade original [...] se transforma num ego de prazer purificado [onde] o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que se incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do próprio Eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. O sujeito coincide com o prazer e o mundo externo com o desprazer (p. 157).

Na construção da representação, talvez fosse melhor dizer, na possibilidade de representação simbólica desses acontecimentos psíquicos inaugurais, uma “primeira objetividade [consiste na] capacidade de reconhecer em si mesmo o agradável e o desagradável, já que o mundo externo é, em si, indiferente” (Laplanche & Pontalis, 2010 p. 141).

Pensar-se-ia, no caso do pensamento fanático, na possibilidade de que a

excessiva carga de desinvestidura do narcisismo de morte determinaria certo impedimento ao livre trânsito da libido objetal e o decorrente reforço da libido narcisista. Assim, nesse sentido, a intolerância do fanático não poderia ser entendida como expressão dessa aversão pelo objeto? Ou, olhando através do seu contrário, a repulsa ao diferente, uma evidência do apego à indiferenciação, em que a tentação de retorno ao Ego do prazer purificado, delirante repúdio às diferenças, se configuraria como ponto de fixação da libido?

Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, prazer e desprazer significam relações entre sujeito e objeto [...] falamos de uma atração exercida pelo objeto proporcionador de prazer e dizemos que amamos esse objeto. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sentimentos desagradáveis, há uma ânsia (*urges*) que se esforça para aumentar a distância entre o objeto e o ego. Sentimos a repulsa e o odiamos; esse ódio pode depois intensificar-se ao ponto de [gerar] uma inclinação agressiva contra o objeto – uma intenção de destruí-lo (Freud, 1915, p. 158).

Um exemplo disso não seria o altruísmo exagerado a que se refere Amós Oz (2011), possível expressão do amor narcísico ambivalente, que, frente à frustração, explode em ódio?

O fanático é uma criatura por demais generosa⁶ [...] Quer salvar tua alma. Redimir-te. Liberar-te do teu pecado, do erro, do [vício de] fumar [...] melhorar teus hábitos, conseguir que pares de beber ou de votar [...] dos dois um, ou nos abraça no pescoço porque nos quer de verdade, ou se lança em nossa jugular, se demonstramos ser uns mal-agraçados (*Ibid.*, p. 28).

O que o fanático ama é a ausência das diferenças. Enquanto o outro é visto como sua extensão narcísica, o fanático derrama-se em cuidados e atenção, para, logo que for percebida a alteridade, sentir explodir em si o desejo de aniquilamento desse outro.

Dir-se-ia que esse altruísmo postiço, o *si mesmo bastante exíguo*, ancorado na função andaime do narcisismo de vida, é suficientemente forte para assegurar a sobrevivência do psíquico frente ao caos das desinvestiduras maciças. Por outro lado, atesta, qual duas faces da mesma moeda, a vulnerabilidade desse arranjo no fanático, quando esse tem que lidar com o livre pensar do outro. Essa confusão

⁶ O estilo desse autor demonstra como o humor pode ser um antídoto contra o fanatismo.

entre amor e ódio, ou essa labilidade dos afetos, caberia na descrição do que Freud (1915) denominou de *fases preliminares do amor* na qual

Reconhecemos, [na] fase de incorporação ou devoramento, um tipo de amor [ambivalente] que é compatível com a abolição da existência separada do objeto. Na organização sádico-anal a luta pelo objeto aparece sob a forma de uma ânsia de dominar, para a qual o dano ou aniquilamento do objeto é indiferente (Freud, 1915, p. 160).

A metáfora do homem península versus homem ilha pode ser entendida como alusão à problemática envolvida com o amor-ódio da ambivalência. Mas é, também, uma crítica à natureza guerreira do ser humano, fato que o leva, frente às disputas, a confundir o vencer com o destruir, em detrimento da busca de uma solução negociada, em que cada uma das partes aceita perder um pouco em prol de um acordo razoável, realista e com benefícios compartilhados. Na lógica do guerreiro, ganhar é ficar com tudo, sem nada deixar ao oponente.

Todo sistema político e social que nos converte a todos, e a cada um de nós, em uma ilha darwiniana e ao resto da humanidade em inimigo, ou em rival, é uma monstruosidade. Mas todo sistema político, ideológico, ou social, que quer converter-nos apenas em moléculas [homogêneas] também o é (Oz, 2011, pp. 39-40).

Relativizando fronteiras

Quando se está dentro de conflitos de longa duração, escapar do domínio fanático significa respeitar a singularidade. O que implica exercitar a tolerância frente às diferenças, reconhecer peculiaridades e divergências. Significa, segundo ele, acima de tudo, desenvolver a capacidade de colocar-se no lugar do outro. Olhar o problema identificado com a perspectiva do outro, pois a empatia com a dor e a raiva que o inimigo sente contra nós tem o condão de relativizar as coisas. “Nenhum dos lados é uma ilha, nem pode mesclar-se totalmente com o outro. Essas duas penínsulas deveriam estar relacionadas e, às vezes, deixadas a sós” (Oz, 2011, p. 40).

Pensando sobre essa comparação metafórica dentro da perspectiva psicanaliticamente orientada aqui abordada, poder-se-ia olhar para a intensidade da presença do narcisismo de morte, no tempo primitivo onto e filogenético, como

elemento de distinção conceitual entre relações-de-objeto-península e relações-de-objeto-ilha. Assim, quando o objetivo for minimizar os efeitos do universal *gene do fanatismo*, seria necessário buscar saídas sublimatórias, reforçadoras do narcisismo de vida, a exemplo do uso do humor, naquelas situações em que o sujeito se sente perigosamente próximo, quando não imerso, em seus preconceitos. Nesse sentido, Freud e Oz têm posição concordante. Escrevendo sobre o humor, Freud (1927, p. 194) afirma:

[na] atitude humorística, o superego está realmente repudiando a realidade e servindo a uma ilusão. [Nesse caso] encaramos esse prazer menos intenso [de divertir-se com algo sério] como possuindo um caráter de valor muito alto; sentimos que [isso] é especialmente liberador e enobrecedor. [...] o principal é a intenção que o humor transmite. [Ele] significa: “Olhem! Aqui está o mundo que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças.”

Segundo esses autores, o humor permite que coisas sérias, tais como o conflito entre narcisismo de vida e de morte, possam ser consideradas através de uma perspectiva relativizante. Esse certo distanciamento poderia permitir, por exemplo, perceber que, na raiz de prolongadas disputas por território, a acirrada luta pelo poder geopolítico se prestaria também como cenário que repetiria, compulsivamente, primitivos sofrimentos infantis, a exemplo da reedição de questões e disputas fronteiriças entre sujeito e objeto ou entre Ego e Superego. A ênfase está em conseguir pensar com liberdade, com a equidistância em relação ao conflito que o humor permite, nas ocasiões em que o sujeito vê-se dominado pela lógica da verdade irrefutável. Dito em outras palavras, em relativizar o peso de um superego cruel que asfixia as capacidades adaptativas do Ego. Essa postura não implica em menosprezar a importância dos elementos constitutivos do conflito em si, mas, sim, também, em perceber o que é intrínseco à sua subjetividade. Distinguir os interesses legítimos nos dois lados facilita imaginar, através do pensamento criativo, soluções que contemplem tanto os interesses do sujeito quanto as necessidades do objeto.

Reflexões

Discutiu-se a hipótese de que, no fanatismo, o ódio à diversidade poderia ser entendido como expressão de registros primitivos não elaborados, produto de vivências do desencontro persistente entre o desejo de um sujeito que muito quer,

ou muito necessita, e o objeto que não pode, não quer, ou não tem o que dar. É nesse sentido que, talvez, se pudesse pensar no tenaz ódio do fanático, contra tudo e contra todos, como possível *linguagem* que tenta contar a história do traumático decorrente da desinvestidura (pulsão de morte), que silenciosamente vai apagando, no sujeito, a expectativa do encontro com a vida psíquica (pulsão de vida). Na medida em que se constitui muito mais como registro de representação-coisa do que de representação-palavra, evidentemente que não se poderia dizer que estamos, de fato, frente a uma linguagem para o narcisismo de morte. Melhor, talvez, fosse pensar nesse fenômeno enquanto pertencente à ordem do não simbólico, dos elementos fadados à repetição compulsiva no próprio sujeito, ou em seus descendentes. Em algo que, nesse caso, se tornaria, então, uma compulsão à repetição transgeracional. Certas radicalizações do fanatismo, o atentado suicida do homem-bomba, por exemplo, são, no entanto, tão ruidosas, que, do ponto de vista da cultura, tornou-se desafio inadiável fazer-se um esforço para, em termos do mundo interno, visualizarem-se os elementos responsáveis por esse gesto terrível, fato que implica em tentar entender a mente fanática. □

Abstracts

I hate, then, I exist! Fanaticism, a language (possible?) to narcissism of death

The ghosts of intolerance and radicalism once again come to haunt. From an attempt to understand fanaticism within a psychoanalytic approach, the author examines the role of hate in the object relations between individuals and, therefore, also in culture, as a modulating element of this turn towards intolerance in the years 2000. The author, as a clinical element, some ideas of the Israeli writer Amós Oz extracted from his work *On the nature of fanaticism* (2011). From a metapsychological perspective the following factors are studied: a) narcissism; b) primary masochism and sadism; and c) relations between the Ego and a cruel Superego, with emphasis on the possible relation between them and the genesis of fanatical thinking. It also examines the sublimatory potential of empathy over the supposed enemy as an element capable of relativize fanaticism, such as when one makes use of humor.

Keywords: fanaticism, hate, narcissism, death narcissism.

Resumen

¡Odio, entonces, existo! Fanatismo, un lenguaje (¿posible?) al narcisismo de muerte

Los fantasmas de la intolerancia y del radicalismo una vez más vuelven a asombrar. A partir de un intento de comprensión del fanatismo dentro de un enfoque psicoanalítico, se examina el papel del odio en las relaciones de objeto entre individuos y, por lo tanto, también, en la cultura, como elemento modulador de ese giro hacia la intolerancia en los años 2000. Utiliza como elemento clínico algunas ideas del escritor israelí Amós Oz extraídas de su obra *Sobre la naturaleza del fanatismo* (2011). A la luz de la metapsicología se estudian los siguientes factores: a) narcisismo; b) masoquismo primario y sadismo; c) relaciones entre el Ego y un Superyó cruel, con énfasis en la posible relación entre éstos y la génesis del pensamiento fanático. Se examina también el potencial sublimatorio de la empatía en relación al supuesto enemigo como elemento capaz de relativizar el fanatismo, por ejemplo, cuando se hace el uso del humor.

Palabras clave: fanatismo, odio, narcisismo, narcisismo de muerte.

Referências

- Bion, W. R. (1957). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *Int. J. Psycho-Anal.*, 38 (3-4), 266-75.
- Freud, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1920a). Além do princípio do prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1920b). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1927). O humor. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.
- Green, A. (2014). *Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (2010). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins.

Oz, A. (2011). Sobre la naturaleza del fanatismo. In *Contra el fanatismo* (pp. 9-41). Barcelona: Siruela.

Rosenfeld, H. (1988). *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.

Steiner, J. (1989). Relações perversas entre partes do self: um exemplo clínico. In E. M. R. Barros (Org). *Melanie Klein: evoluções*. São Paulo: Escuta.

Recebido em 27/07/2017

Aprovado em 05/09/2017

Revisão técnica de **Denise do Prado Bystronski**

Carlos Augusto Ferrari Filho

Rua Tobias da Silva, 253/203

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

augustoferrari@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA